

RESENHAS CRÍTICAS

Adolfo Coelho. *Obra Etnográfica. Volume II. Cultura Popular e Educação*. Organização e prefácio de João Leal. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1993.

Complementando o volume anterior da obra etnológica dispersa de Adolfo Coelho, a coleção “Portugal de Perto” das Publicações Dom Quixote – o qual resenhamos no nº 6 desta revista, sai agora um segundo volume dedicado aos estudos de temas antropológicos e pedagógicos. O preparador dos textos e prefaciador do volume continua sendo o Sr. João Leal, que conduz o seu trabalho não só de estudioso desses assuntos, mas também – o que é muito importante em tarefa desta natureza – com uma entranhada admiração e respeito à figura do notável e irrequieto erudito que foi Adolfo Coelho. Apesar da menor extensão com que este segundo volume se apresenta – 304 páginas contra as 748 do primeiro –, acham-se republicados importantes e, alguns, ainda hoje, de excepcionalíssima oportunidade, artigos e opúsculos: Contos Nacionais para Crianças, inicialmente publicados em 1882 (p.29-69), Jogos e Rimas Infantis, saídos em 1883 (p.73-128), *Os Elementos Tradicionais da Educação*. Estudo Pedagógico, originalmente saído em 1883 (p.131-170), *A Pedagogia do Povo Português*, ensaio incompleto publicado na revista Portugália, 1898, vol. I, p.57-78; 201-226 e 475-496 (p.175-250) e *Cultura e Analfabetismo*, dois artigos originalmente publicados no *Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos*, 1910, vol. V e depois reunidos em volume em 1916 (p.253-299).

Remata este volume um *Índice de Autores* que, em alguns lugares, necessitaria da complementação de nomes incompletos e, às vezes, truncados, falhas todas devidas à responsabilidade de A. Coelho, como veremos mais adiante.

Além da oportunidade desta recolha e da justa homenagem que se presta ao notável erudito português – importante em tantos ramos do saber –, cabe ressaltar o lúcido prefácio do Sr. João Leal, onde se põem de relevo as investigações de A. Coelho no campo da antropologia, da educação e da pedagogia. Acompanha o Sr. Leal a evolução do conceito de antropologia e de pedagogia, dentro de uma visão algo limitada e de alcance prático, orientada “para a exploração do potencial pedagógico da literatura e das tradições populares” (p.14). Já em *A Pedagogia do Povo Português* e nas pegadas de autoridades como Wundt, Ploss, Waitz, Letourneau, parte para o que chama “estudo desenvolvido da pedagogia tradicional de um povo”, agora entendida como a “educação do povo pelo povo (...), educação na família popular”.

Em *Cultura e Analfabetismo* – questão viva nos dias de hoje em vários quadrantes desta nossa aldeia global –, enfrenta A. Coelho a consagrada idéia que faz

da alfabetização estratégia central da instrução popular, chegando à tese, reforçada pela experiência na Alemanha da época, de que embora analfabeto, “o povo (...) tem as suas artes, indústrias, saber, a sua educação e até a sua pedagogia reduzida a preceitos”. Por outro lado, ressalta nosso autor o atraso da cultura em não analfabetos, ou, como se expressou o Sr. Leal, esse ensaio “é uma tentativa de demonstração, apoiada sobretudo na experiência alemã, do modo como a alfabetização por si só, não seria forçosamente sinônimo de progresso cultural do povo”. Conclui A. Coelho seu ensaio com essas palavras que valem para os nossos dias, pelo que podemos ver diante de nossos olhos:

A julgar pelo que se dá na Alemanha [A. C. se baseava nas informações constantes no livro de E. Hugo Meyer *Deutsche Volkskunde*, Strassburg, 1894], conclui-se:

que não só é insuficiente o conhecimento da leitura e da escrita, mas até uma instrução escolar bastante desenvolvida, ainda que generalizada de modo completo a um povo, para arrancar uma parte muito considerável dele a condições de grande atraso moral e intelectual.

No estudo seguinte *A Escola e o Crime* veremos como essa instrução escolar nem na Alemanha nem em geral fora da Alemanha é obstáculo ao aumento da criminalidade (p.299).

Está claro que o critério de seleção é exclusividade do organizador do volume e das condições impostas pela editora; mas sentimos falta da presença de alguns ensaios de A. Coelho sobre antropologia e pedagogia, a começar pelos que cita em notas de rodapé de páginas do presente volume, pelo menos uns nove, todos respeitantes ao tema central da obra.

A revisão e a apresentação material do volume continuam os méritos do anterior, ressalvadas as gralhas naturais em empresa de tão grande porte; até enganos dos textos primitivos foram neste conservados, como, por exemplo, o autor do importante trabalho *Arbeit und Rythmus* é Karl Bühler, e não Karle Bücher, como está no texto de 1916 (p.40) e na presente edição (p.267). Neste mesmo trabalho (*Cultura e Analfabetismo*) se deu uma pequena gralha que A. Coelho, no exemplar que possuo autografado a um amigo, corrigiu; ocorre na p.96 onde se lê “E isso até um dos motivos ...”, emendado nesta nova edição para “E isso é até um dos motivos ...” (p.294). A emenda de Coelho foi de *E* para *É*.

Continuamos não concordando com as alterações que não se limitam a questões de grafia, mas envolvem particularidades da língua de A. Coelho: é o costume do organizador ou do revisor de desfazer ligações do tipo *d’alienados* para *de alienados* (p. 290), *d’algum* para *de algum* (ibid.), *d’uma* para *de uma* (p.291), *d’esta* para *de esta* (sic,ibid. mas conservou delas na p.292), *d’outrem* alterado para *de outrém* (sic,p.294), *em a nossa literatura* para *na nossa literatura* (p.296), ou então o ditongo *oi* do Autor é mudado para *ou*, como, por exemplo, *repoiso* passa a *repouso* (p.291), *tesoira* a *tesoura* (p.294).

Estas nemigalhas não empanam a importância do evento editorial, a homenagem prestada a esse notável vulto da cultura portuguesa. Só nos resta o sincero

agradecimento ao consciencioso e competente organizador Sr. João Leal e ao esforço das Publicações Dom Quixote de reviver importantes lições de Adolfo Coelho.

E.B.

*

O Mês Modernista. Organização e notas de Homero Senna. Fundação Casa de Rui Barbosa. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro, 1994

Ficamos a dever ao investigador infatigável Homero Senna mais esta contribuição no sentido de oferecer ao público interessado e estudioso da cultura brasileira. Trata-se da reedição de colaboradores do jornal *A Noite*, a convite de Viriato Correia, no período que vai de dezembro de 1925 a janeiro de 1926, coluna intitulada *O Mês Modernista* (a rigor, seria *O Mês Futurista*), colaborações, dizíamos, de Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Martins de Almeida, Mário de Andrade e Prudente de Moraes Neto.

O Mês Modernista havia saído das colunas de *A Noite* para publicação em livro, em 1972, sob o título *Brasil: 1º Tempo Modernista*, patrocinado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, organizado por Marta Rossetti Batista, Telê Porto Ancona Lopes e Yone Soares de Lima.

Volta agora Homero Senna a nos oferecer nova edição do importante documento estético-literário e nitidamente provocador dos ideais parnasianos reinantes àquela quadra, pelas razões a que alude:

E tomamos essa decisão pelos seguintes motivos: a) pelo caráter de importante documentário, (...) que tem hoje essa matéria; b) por se encontrar esgotado o livro em que no ano acima citado, foi reproduzido; c) pelos vários lapsos de leitura dos originais, e de revisão tipográfica, que lamentavelmente se insinuaram nessa publicação; d) pela possibilidade de incluir notas e comentários sobre as colaborações, indicando aquelas que, modificadas ou não, foram aproveitadas pelos autores em livros que depois vieram a publicar, o que naturalmente deixou de ser feito pelos organizadores do citado volume, dado o seu caráter de “documentação”, apenas; e) pela oportunidade de trazer para esta edição citações de obras que aludem ao “Mês Modernista”; f) pela iniciativa de agrupar e resumir as colaborações por autor, o que possibilita uma visão de conjunto da contribuição que cada um deu à série; g) pela conveniência de restabelecer a iconografia original, uma vez que reproduzimos apenas as ilustrações que saíram em *A Noite*, e não algumas dessas, além de outras, estranhas à coluna, como fez a referida publicação (p.11).